

80

Poemas



*Carlos
Rodrigues
Brandão*

1.

oferenda

Trago nos panos da trouxa de onde venho
os trapos dos farrapos da memória,
coisas de pouco, um rol de quase nada:
um toco azul de lápis, um de vela
e duas folhas de papel timbrado
com um desenho de lua e outro de aceno
como se fosse longe, mas não tanto.
Um mapa de Goiás, outro da Úmbria,
A mochila nas costas e um caminho,
um Romancero de Lorca, uma viola
uma rosa-dos-ventos e o rosário
e o calendário dos dias de lembrar.
a bota escura de terra, a mão de tinta
um arco-íris, um poema, uma janela.

2.

Quatro exercícios de auto-desconhecimento

o primeiro

Vindo de longe como o vento, e de onde?
trouxe o meu corpo, mera alegoria
e mais o espelho opaco que esconde
metade, a mascara de barro de meu rosto,
metade o que sobrou do que me invento
com um tanto de malva e sal a gosto
e alguns retalhos de acaso e de folia.

Sem nada, sou um rico, e saltimbanco
armo lona de circo, faço festa
e, peregrino, quero nada na algibeira.
O que não tinha, agora tenho: tempo
e por isso escrevo isto lento... lento.
Tempo é o que eu peneiro na peneira,
e esse momento é tudo o que me resta.

O que eu fui, o que fiz é agora o invento
de soletrar no caderno o esquecimento,
até restar limpa a lousa da memória,
como no voo a ave esquece o ninho
como de um barco a terra some aos poucos
como fecha a casa quem vai pelo caminho
e esquece a chave enquanto vai embora.

Esquecido de mim mesmo eu hoje, agora,
já não sei mais saber o que sabia:
se aquilo tudo houve em algum tempo
e se tudo foi s minha a trama, a história
em que alguém acaso creia um dia,
ou se foi tudo sonho, mitos da memória
estória, canto, conto, fantasia
e é mais verdade assim, por isso mesmo.

Como do voo volta a ave ao ninho
e de longe o barco torna ao porto
sou como quem depois de anos volta à casa
e embaixo do tapete encontra a chave
e abre o portão, a porta e a janela
e colhe na mesa um álbum-de-família,
e acende a luz onde já houve a vela
e distraído folheia fotos a esmo.

3.
e agora longe, quando eu me vou

Amei o mar.
Foi quando era menino
e molhava os pés na água e era anjo,
e voava sobre Copacabana
carregando uma estrela em cada asa.
Gostava de andar pelas areias
ali, onde a onda se termina
e desenha na praia o meu destino.
O mar não era mau nem inimigo
e morrer nele era morar em outra casa.
E agora, longe, quando eu me vou
por caminhos onde há vales e veredas
é o mar que amei quem vai comigo.

quatro momentos
depois de ler Hilda Hilst

4.
o primeiro

Hoje eu te canto e depois não.
Pois é só o agora o que nos faz, aqui.
E agora somos a carne da alma
da manhã de um deus sem nome
e é tua a mão que desenha nele um rosto.
E, vê, amanhece do afago que nós temos
e de nosso enleio amanhece e vem o sol
e o nosso ardor deu a ele o ardor do dia.
O que existe está aqui: criamos juntos
desta lareira de amor que o amar acende
quando entre mãos os corpos que se tocam
tocam a raiz da terra e o céu do mundo.

5.

o dia, quando acorda

Dá-me, Deus, o que eu já tenho
como este eu de quem sou e é quem?
E não sabe e acorda e então é dia
Como esquecê-lo se ele vai comigo
E é quem me lembra de ti quando eu esqueço?

Dá-me este corpo que te quer ver
e enxerga folhas, uma nuvem, meio pão
uma ave, uma criança, uma cantiga
o jornal de ontem e a mão da moça
à espera do meu resto de comida.
E o rosto do outro ... meu irmão?
(o seu nome eu sei? O seu perfil?)
e o mal do mundo e, às vezes, a alegria
de estar vivo agora, e é só, e é bom.
Dá-me, Pai, esta alma que te busca
enquanto é quinta feira e chove
e mais o andar de quem não acha,
mas procura a passos pela areia
e se te encontra enfim, não sabe mais
se isto é acaso, se é fé ou se poesia.

6.

uma casa velha num canto de Goiás

Lembro uma tarde, chovia e era março.
A casa era vazia e adormecia
e as coisas se olhavam sem espanto
desde quando as mulheres foram embora
e da casa levaram as mãos e as malas.
Sem espanto as coisas se entreolhavam
enquanto a casa velha envelhecia.

Um anjo sem ofício madrugava
e velava a sobra do que havia:
uma panela sem a tampa, uma caneta
um tinteiro vazio de tinta preta
uma foto sem o rosto de quem foi
um livro dado às traças e ao silêncio
um calendário de um ano que passou
um relógio parado às dez pras duas
(e na hora certa duas vezes todo dia)
um poço de água sem água, boca e fundo
uma teia de aranha sem a aranha
a poeira sem o medo da vassoura
e a vassoura sem pelos na parede
esperando o fim do dia, ou o fim do mundo.

*Cidade de Goiás
Semana Santa de 2013*

7.

como se

para Maria Alice

Talvez porque a tarde de junho fosse como sempre,
mas uma certa coloração, de resto, bem usual,
Entre o laranja, o lilás e o vermelho claro
Desse ao crepúsculo alguns acentos de almanaque,
ou talvez porque inadvertidamente então
o canto de alguns pássaros dados como extintos
soletrou de repente e ao puro acaso notas de música
Que os ouvidos juram haver esquecido,
talvez apenas porque o julgamento dos mortos
sobre os gestos ruins e bons dos vivos
pareceu por um momento adiado para outubro,
talvez porque... bem, porque é tarde
e o canto das aves e aquela inaprendida sensação
de que é possível arrancar flores do jardim
sem o juízo implacável dos avós,
então, pela beira dos campos aqui em Goiás
tomei as suas mãos, amada minha
e vinte e dois anos depois de um dia em julho
eu as beijei com o olhar travesso e amoroso
do menino que fui há muito tempo
e que eu pensei haver morrido não sei quando.

Campinas

8.

como um presente

hoje eu te trago
amada, amiga
um sol de dores
um rol de flores
e as cantigas
que o povo canta
quando em janeiro
a um deus menino.
refrãos e frases
te trago hoje
de um desmazelo
que vida afora
levo comigo
quando o sol conta
qual o caminho.
trago nos bolsos
os inventários
das melodias
que a morte pinta
e a vida fia:
uma de noite
outras de dia.

mas também trago
amiga, amada
flores da mata
cheiros de malva
e madressilva.
trago um alqueire
de terra preta
da terra viva
do coração.

nas mãos, no canto
amada, amiga
trago a alegria
de tanto amor
e esse poema
que canta e conta:
o que foi feito
o que foi dito
o que foi ontem
o que foi vida
amada amiga
o que foi nunca
por isso é eterno
o que foi dor
por isso é terno
o que foi triste
por isso é nada
amiga amada.

9.

sonhar

Desenha, Deus, no caderno
um arco-íris.
És bom pintor, eu creio,
um bom artista.
Depois cantarola sete notas
como se fosses
meu Deus, um passarinho
desses que cantam
quando o sol vem vindo.
Soletra o meu nome de criança
e depois me dá a mão
como a um amigo.
E que eu te ame assim,
Devagarzinho,
com velas e preces
pão e vinho,
como se eu fosse um deus
e tu, um menino.

10.
comungar

Seu nome de homem
é de um anjo: Gabriel.
E será de um santo o gesto?
Levar na mão o pão feito à noite
com fermento, sal e noz moscada
canela, malva e grãos de aveia.
Um pão escuro como se usa no subúrbio
comprado com moedas de centavos.
Levar o corpo de um Cristo embrulhado
em papel de nuvem cor de chumbo
e repartir os pedaços pela rua.
Dar o pão a quem não crê em deus algum
não conhece as cartas de Paulo Apóstolo
e tem o olhar de neve e não agradece
e não se converte a coisa alguma
e nem vota em quinze de novembro.
Dar meio pão àquele de quem fogem os anjos
e sonha, no entanto, como um humano
uma vida cheia de feriados
com cheiros de cerveja, o jogo de truco
e um corpo bom de uma mulher da vida.



11.

compreender

Anos depois essas flores de acácia
amarelas como o mel que vem do sol
estarão aqui a cada lua nova de maio.
Alguém haverá de pisar as pétalas caídas.
Outros serão os viajantes, uma gente de longe
chegada aqui a passeio ou em busca de um irmão.
De quem nós fomos não saberão nada
e nem sonhariam perguntar qualquer coisa.
Por isso alguns de nosso tempo tomam a faca
e com a ponta ferem um nome nas árvores.
Deixemos a eles este pequeno desejo do eterno
de que imaginamos estarmos livres
como quem esquece na areia o sinal do corpo.
A noite virá, e o vento e o mar saberão apagá-los
e já amanhã os pássaros de hoje terão esquecido
a nossa breve e efêmera passagem por aqui.
Assim terá sido. E assim se esquece
e um dia não estaremos mais sob esta sombra
juntos como agora entre essas flores de acácia.

Fiquemos pois um pouco mais sob a sua copa
para que duas ou três flores caiam do alto
sobre os nossos ombros e os nossos nomes.
Uma outra florada destas gotas de limão-e-ouro
haverá de deixar caírem pétalas sobre o chão.
Efêmeras elas e também nós, amigos.
Mas a cada ano em maio elas retornam
e nós? Onde estaremos nós então?
Onde estaremos quando for o maio
de um tempo depois de um último outono.

12.

fazer

Olha. Nesta mesa de uma madeira escura
e antiga, feita por um marceneiro cego de amor
morto em uma festa do Corpo de Deus
amigo de cabras negras e de estrelas
há marcas do tempo. Com cuidado
saberás ler algumas figuras, manchas dos anos
e outras de um óleo de plantas raras derramado
sob a luz de velas cor de aveia.

Espia atento e de nada te envergonhes
e vê que algumas são claras como esta.

Será como se o pão esquecido entre a noite e a manhã
deixasse impressa aqui a sua face.

Olha bem, alguém fez e há alguns riscos desenhados
com as unhas: quem? porque?

E outros, fundos, lavrados com metais de faca.

Não sei se ao cabo destes dias, agora que te vais
terás deixado na mesa algum sinal. Deixa também
e antes de ir embora volta e põe por um instante
as duas mãos sobre ela: assim, sem pressa.

Melhor do que os traços que o tempo varre
é o haveres deixado aqui o peso de tua alma.

13.

ressuscitar

Que o meu corpo
alimente um pé de Cedro.
Que a minha alma
o embale com o vento.

14.

Émile Dickinson

Guardei o gosto de olhar pela janela
mas não vi fora. Feri os olhos da alma
e envelheci com o vinho. Cresci dentro
de mim um arvoredor: sou sem sombras.
Sofri? Não sei. O que é sofrer? É isto?
Isto eu escrevo como quem arranha o corpo
e com as mãos se lava em lava acesa.

15.

Rainer Maria Rilke

Suponho haver sido sonho:
um rosto, só o rosto sem o olhar
de um anjo quando dorme
e por um momento esquece ser eterno.
E então, ébrio de um sonho assim
sonha não acordar.

16.

Pierre Teilhard de Chardin

Algo era de areia
e era de ouro.
Mas não a Era do Ouro
não ainda.
E era de água e pólen
seiva e vida. E assim
era tudo tão havendo
e convergindo
a um lugar tão longe
e tão humano e tão
saindo de si mesmo
e sendo um outro:
que no chão do céu
um deus chorava
ser tão eterno e de um barro
tão sem-fim.

17.

Seféris

Aqui, nesta colina onde me vedes
voltado ao vento, ao mar
os deuses de agora sufocaram
os nossos, de antigos nomes.
Acendemos fogos que de longe se vê
mas já não sabemos mais a quem.
Algumas flores cor-de-vinho, cor-da-pele
as nossas moças deitam sobre o altar.
Mas os cantos sem harpas destes gestos
apenas os velhos, os mudos e os mortos
sabiam entoar.
Dizemos preces como antes
mas já são tantas as línguas
e tão estranhas, com que se implora
o pão aos deuses.

18.

Jorge Luís Borges

Uma só coisa não há:
o esquecimento.
A memória é tudo
todo o tempo.
E uma coisa só existe:
este momento.
Uma rua esquecida
em outra rua
e a fagulha fugaz
de seu presente.
O dom de haver agora
isso – e isto é sempre
e o fugir do azar
deste segundo.
O resto é a morte
a sombra e o sonho.
É olhar contra o vidro
e ver o mundo.
É uma faca sem lâmina
sem o cabo.
É um poço de água clara
todo água:
sem o balde e sem a borda.
Sem o fundo.

19.

Fernando Pessoa

Me vi fingindo ao dizer
a dor que não sinto e canto
na dor que sinto e não conto.
E assim, não sei o que é dor
entre o meu riso e meu pranto:
a dor que não sinto e escrevo?
Ou a dor que sinto e escondo?

20.

Ulisses

As mãos que trouxe
esqueço no meu corpo.
Estrela de Antares me desvelo
e – grego – me perco e me apregoo.
Se é cedo hasteio a vela ao tempo
e velejo à volta de meu ombro.
Aí vou e onde ancoo salto e então revejo
A ilha de quem sou quando era arcanjo.
Arcano duende sofredor e crente
aceno o pano da pele ao longe
do país da pessoa de onde venho.
Aceno e já nem sei se ainda creio
ou se adivinho na imagem do rosto
de meu nome – o meu destino.



21.

Bartolomeu Dias

Eu não me fiz de arisco
e nem de atento
por ser um rosto no cobre dos vinténs.
Nem por mandos de Deus eu fui tão longe
(não ousou tanto... eu sei. Eu sei!)
Não foi por isso que alcei a vela ao ombro
e saí dando prece ao mar e ao vento.
Marinheiro, eu nunca quis castelos
e nem o meu nome em terras ou no tempo.
Me fiz de velejar – de ir-me e sempre
entre uma ilha e outra e outra à frente
em busca de ouvir o chamamento
do que é em mim o nome de meu medo
e o meu assombro.
Pois quando tudo há, que ainda se invente!

22.

Gramani

poucos dias depois de haver partido

Carregava sapos na algibeira
e nos cabelos pendurava borboletas.
Era um violeiro de violinos
saraus, silêncios, trens de corda
sabiás e rabecas madrugueiras.
Quando morreu, um dia
viram a sua alma de poeta
caminhando flores e veredas
orquestrando corais de bailarinas
conversando com olindas e arapongas
e poetando entre os galhos das mangueiras.

23.

Álvaro de Campos

Quando eu me olho de mim não sei
pois não aprendo a pensar o que eu senti
e assim me perco às vezes no fugir
de quem eu sou no ser de quem serei.

E então me fujo do ontem que eu vivi
como um rio que passa e vai e flui
pois não me acho no rosto de onde vim
e nem estou na pessoa de quem fui.

E assim é. E assim viajo e velo e vou
como quem caminha e, de repente
para e pensa: esse sou eu e eu sou?
Ou é um outro eu que em mim se sente?

24.

Joaquim Brandão

Filmes?

Preferia os mudos
e plantava ninhos
nos quintais de longe.
Queria o bem de tudo
o tempo todo e, amoroso
com a vida a cada instante
convivia com o silêncio
como em sonhos. Era sozinho
entre tantos e foi um homem
que nasceu pra monge.

25.

André Brandão

Acordei com almas de coruja
em manhã de chuva no arvoredos
e olhar de boi em pasto de janeiro.
Queria o resto da sobra do almanaque
e um doutor em piruetas, em murmúrios.
Queria desentender de geografia
e dos livros de regras de gramática
onde todos os verbos são gerúndios.
Queria mesmo é falar de coisa alguma
numa roda de meninos e mendigos
de velhos de casaca e saltimbancos,
os que desenham com o ouro das abelhas.
Eu sonhava suspiros de princesa
por um príncipe que uma tarde virou sapo
em um mundo todo cheio de domingos
e um dia de natal em cada mês.

Queria filmes sem nome, só imagem
como um dia eu sonhei e foi assim
e acordei jardineiro e bailarina
equilibrista em corda de arco-íris
e inventor de lendas de andorinhas.
Sonhei que eu era um sonho que sonhava
e me achei entre mago e maravilha
semeando um céu de araras e de estrelas
no fundo dos quintais onde há crianças.
Me vesti de anjo e de andarilho.
Desandei vida, cresci pulando muros
escalei montes onde não havia a morte
e aprendi a andar fora do trilho.

26.

Ulisses

Um mês antes de Ítaca

do mar me venho
e viajando sou do medo.
o acaso me navega e eu velo aceso
e o alto não existe terra
que da gávea da nave não aviste.
vigio. vigio: é o meu ofício
e de Órion sou. de Órion navegante
e Ulisses foi meu nome. Ítaca
a casa, dezessete anos eu esqueço
e a cada dia adio o mal da espera.
tiro do ouvido a cera e ouço:
aqui é a vida. e se há perigo
tremo: sou humano.
velejo e isso é o meu desejo
e sei de um reino onde nada
nada existe. mas nele salto
esmurro a porta e alto grito.
depois, abro a carne de um corvo
e leio a entranha: isso é sempre.
Na beira de tudo eu tenho sede
e o que não lembro vejo. E ao ser
de mim aceno o sonho do perdido.

um dia será assim: o arco e firo.
Pouso na terra a lança, a cicatriz
e a sangue escrevo isto: “venho!”
mas por agora eu quero uma jangada
e um longo mar sem praia e porto.

Florianópolis
1990

27.
duvidar

Sei que me resta pouco tempo
para ser estas vidas desvairadas
que esqueci de haver até aqui.
me faz falta uma alma ao vento
mais errante ainda e adiante de mim.
Me falta um corpo em estado de fogo
mais do que este, afeito a quinhões pequenos
de estrada de terra, de colinas e águas calmas.
Me faz falta um espírito mais sereno
e afeito a ouvir os anjos.
Me faz falta uma inocência de gestos
sem sentido, sem uma razão conhecida
e sem qualquer proveito
como a de quem caminha
e responde a quem pergunta: pra onde?:
existe isto, amigo? Existe “onde”?

28.

a vontade do simples

A difícil tarefa
da memória acesa
é esquecer de tudo
que não cabe à mesa
de um jantar: a toalha
as flores, o vaso, o par de velas
e as pessoas convivas tardos
da conversa que se assa
cada noite entre o calor
da sopa e a sobremesa.

A própria sopa quente,
a sua fumaça, o raro azeite
a cerveja e o pão francês.

Além do mais, outros gestos
e objetos singelos de beleza:
o feijão-com-arroz, o copo de água,
a goiabada cascão, o queijo
e tudo o mais que nas festas
de domingo em casa pobre
cria momentos como agora
entre o real e a realeza.

três escritos sobre trem em Minas

29.

primeiro trem

O maquinista pensa o trem. Ele não sabe
que no subir a serra o trem não sobe.
ele desenha no chão, ele rabisca
com um sábio lento traço de pintor,
o caminho por onde o trem se arrisca
passar e pensar-se em cada ponte
serra-acima assoprando o seu vapor.

O maquinista, tão useiro da rotina
confia em que o trem sabe o seu rumo
e experto de pensar o seu ofício
não percebe que conduz um trem artista
de quem é a mão e trabalha o seu ofício
em tracejar o traçado de sua pista.

Em subir toda a tarde a serra em riste
entre retas e curvas de pintura
deste trem entre poeta e paisagista
que a viagem viaja enquanto pinta.
Como quem, feito o quadro embaixo assina
o seu nome na paisagem: no trilho-traço
do quadro que pintou este trem-tinta.

30.

segundo trem

No entanto, quando o mesmo trem
se deixa descender entre serra e serrania
no esquecer de seu peso, por desvãos
de descidas entre voltas repentinas,
ele descreve sem pintar outra paisagem
que por pressa não cabe em tela ou tinta.

Então o trem ponteia, e quem dirige
vai atento a que de sua cantoria
não escape o trem da pauta-trilho
nem componha o descer em descambar
serra abaixo, em cantiga sem as pausas
da regência do pensar do maquinista.

Pois na descida do trem, degraus abaixo
não se reja o orquestrar em improviso,
entre notas escorridas, mal cantadas
no desafino de um trem fora dos trilhos:
o trem e o seu o seu cantar de pressa e artista.

31.

terceiro trem

Pois o trem que vai por Minas
não professa o menor projeto de chegar.
Ele reza o seu rosário e vai por terras
que sabe e não sabe, dão no mar.
O trem de Minas se repensa e repentista
reescreve o seu tema do pensar-se
de vagar entre trilhos e ir por serras,
dos caminhos do cerrado, do viajar.

Ele nunca pratica, trem mineiro,
o custoso exercício de apontar
em uma curva, na hora presumida
em que se espera o trem e o seu vagar.
Ou o outro exercício não-mineiro
do apressar-se entre um ponto e outro porto
enquanto cumpre a sina de alcançar
a estação do povoado - o fim-da-linha
no momento previsto de chegar.

Ele prolonga, vagaroso trem de Minas
a mineira aventura de vagar
entre serras de verde e pastos pensos
sobre vilas de meio de caminho,
as cidades do trem, de tão pequenas
que só o vogar do trem pode alcançar.



três pastores de areia

para Adélia Prado – em Minas

depois de conversas sobre o fim do mundo

32.

o primeiro

pastoreava seres de almanaque:
um rebanho de carneiros e quimeras.
e a nenhum lhe dava uso algum.
criava a todos pelo só desejo arcano
de vê-los soltos, errantes pelo pasto,
a nuvem do cristal de seu agrado.
Pastor de ovelhas e senhor do afeto
multiplicava-se em cuidá-las a vigília
e adormecia no seu sono do cuidado.
chamava a cada um de um nome amigo
e nomeando o amor, servia ao ofício
de renascê-lo cada vez, a cada dia.

33.

o segundo

plantava favas de um feijão amargo
e dele nem aos porcos que tinha não servia.
pelas flores que abriam cultivava
alqueire e meio dessa planta brava.
floriam de seis cores e as amava,
arco-íris em setembro semeado
e que aos ares de abril traziam odores
de um perfume de arabescos e pomares.
suas favas, repetia, eram fadas.
comia milho e arroz de meio hectare
e a melhor terra que tinha destinava
a essa lavoura de cheiros de ternuras.

34.

o terceiro

criava burros, éguas e cavalos.
não montava em nenhum e nem a carro
que algum peso levasse os submetia.
pastor infante, a pé pastoreava
o seu rebanho alado de centauros.
não corria. com milho e com poemas
atraía a tropa possuída e não usada.
eram seus filhos, dizia, a sua tribo.
nunca vendeu um só, morriam todos
de uma velhice serena, sossegada
entre ventos do sul e a erva verde:
inteiros, garanhões, machos e fêmeas
de um tropel bravio e inesgotável.

35.

um velho em Brúnico

era um pouco depois de meio-dia.
fazia frio e ao redor havia neve,
mas o céu era azul e a tarde ardia
de um sol sereno, cinzento e alpino.
talvez por isso bocejou e disse
a palavra “basta”, e havendo dito
pensou que se morria, e era disto.
o trem tardava na estação sozinha
e se a morte (pensou) a tomaria.
mas depois “não ainda, melhor viver”.
ir embora era a ideia deste dia
mas a vida vale mais, um pouco ainda,
outro trago de vinho entre os amigos,
a boca limpa no pano do punho da camisa
o cigarro aceso e a cinza, a cinza
como a torre infinda de um segundo.
ou menos ainda do que isso, o sentir fresco
o vento da Áustria pelo rosto
como – faz tempo – no gesto do menino
que corria entre trilhas, fantasias.
“A vida vale mais”, pensou, “vale ainda”.
a chegada do trem, a de um outro neto
e a promessa de amor, cumprida enfim
(a que inventou um dia um adivinho
Na feira de verão em Dolbbiaco).
“Melhor viver”, pensou, e entrou no bar,
saudou dois ou três com um mesmo aceno
e na mesa de sempre, na janela
a vontade de morrer matou com vinho.

Brunico
1998

36.

ali no chão, o túmulo da moça

como à entrada ali
em dezembro, ao frio do inverno
a lápide é parte do piso no andar térreo,
o passante passa às pressas, distraído
e entretido entre murais de mármore
caminha por cima, quando anda,
de um corpo esquecido de mulher.
moça medieval morta na véspera,
flor que janeiro colheu depressa
e fez adormecer como na fábula,
para que sempre, e sem príncipe e beijo
adormecida e deixada de uma vez
até o soar das trombetas, ou depois.
um frágil corpo de moça sobre quem
o tempo sopra a pedra com ar de gelos
e apaga o seu nome de menina
deitada sob chão da sala escura
da entrada uma casa antiga na esquina
da via deglia Dogana Vecquia
trinta-e-três.

Roma
1985

37.

outonos cúmplices
para o Joel, em Goiás

A amizade mancha.
ela marca o outro de uma cor igual
pois entre amigos de um outro tempo lento
há gestos cúmplices de mortes e afilhados.
alguns partiram cedo – deixam nomes e a falta
que algumas conversas na tarde rememoram
entre copos de vinho e de silêncio.
mas outros ficam e ao acaso se reúnem.
e então há ritos entre a vela e a sopa quente.
pois como viaja ao destino a alma dos mortos
sem a mão de quem ajeita entre as flores
um derradeiro nó na gravata de seda?
há bodas de ouro e entre barbas ralas
restos de sono e afeto deixados sobe a mesa.
a amizade envelhece, usa bengalas de bambu,
reaprende manias de almanaque e resmunga.
o olhar do outro demora no rosto do amigo
pois são as almas quem volta nele à casa.
entre rugas as mãos afagam os ombros
e os dois se amparam no meio da ladeira.

Petignano di Assisi
1992

exercícios de contemplação com palavras
sobre uma lua cheia que ora sumia atrás das nuvens
e ora aparecia no alto céu

38.

um

Lentas as nuvens escondiam
o que da noite parecia o dia.
Lentas as nuvens ocultavam
o rosto de luz da lua amiga.
E entre o surgir e o se esconder,
(como a mulher que à noite é bruxa
e ao dia voa e é fada)
é a lua mesma quem semelha que viaja
como um barco de velha vela antiga.
E o céu ora escuro e ora claro
onde tudo parece adormecido
assiste ao lento viajar da lua.
Lua de prata. Clara lua. Lua vaga.

39.

dois

Lua, vaga, vagarosa lua luminosa
a sua viagem de prata o céu colore.
Luminosa lua viajando no céu claro
que em seu vagar devagar o céu clareia
quando as mais de mil e mil estrelas
apagam a luz de suas velas
entre o ouro, a prata e a cor do cobre,
para luzir na noite deste outubro
somente a clara luz da Lua Cheia.

40.
três

Clara, a clara lua se ilumina
e de branco colorida tece a manta
que entre o grão do sal do mar
e a mandioca (quando dela
é a farinha só o que resta)
cobre o corpo da rara prata fina
da lua e do luar de sua festa.

E de branco e de amarelo
fiada, tecida e revestida a lua
com a luz do sol que ela reflete,
é de ouro e brilha a sua veste
de luz com que ela toda se tatua,
e depois de plena luz se acende
e de luz se cobre e se reveste.



41.
quatro

Vagante, a lua se viaja
e a noite sopra e assopra
o vento norte que lhe move
a sua vela de errante e de veleiro.
Ah! barca-lua que pela noite afora
vaga e navega entre as estrelas
que o céu semeia de dia, e rega e cuida,
e à noite colhe e acende em seu canteiro.

42.
cinco

A manhã de outubro se demora
a clarear com o sol um outro dia,
e o mar, e o céu do chão da terra
e mais tudo o que houve e há, e havia.
Tudo pinta de luz como se a aurora,
para que a Lua Cheia brilhe ainda
um pouco mais na noite que adormece
sobre o veludo que a luz clara tece e fia.

43.
Tão leves, tão breves

Não te espantes
quando te toca a alma
um colibri.
Há seres tão calma,
tão leves, tão breves
que do vento apenas
precisam para existir.

44.
o que espera a flor

que sob o sol
e o seu calor
floresce aqui?
O sol, o vento,
a chuva, a abelha
ou o colibri?

45.

ele fala

Ouve o silêncio!

Ele fala

com a voz mínima

de um colibri.

Cala o que dizes

e ouvindo o seu canto

saberás que ele canta

dentro de ti.

46.

Se

Se silencias

por um segundo

o rol das palavras

que te pensam,

verás no silêncio

que te cala

o lugar onde estás

quando te sentes.

47.
Aqui

Aqui, entre ruínas
procuro o que seja
um sinal. Um pássaro,
um adereço azul cobalto
como os que usam as mulheres
ao redor do tornozelo.
Uma concha do mar eu busco,
o seu tempo e o seu limar a areia.
E a mala por fazer, o seu destino
de gaveta aberta da memória.
E mais o refrão e o desmazelo
do que sobrou e caberia inteiro
nos bolsos de uma calça gasta, no andar
de um velho, na cor castanha da bengala,
ou num poema que não sei, mas imagino.
Eu busco um ar do vento. O vento.
Alguma coisa vã com que eu me livre
do sal da vida, do ardor do amor
e do mal de haver o pensamento.

Rio de Janeiro
Julho 2019

48.

Eu, peregrinus

(dois)

Sempre é indo.
Sempre é assim, esse caminho
e andar é infindo
Casa é o lugar onde acaso
alguém de longe
de longe se vem vindo.
Estranha é a estrada
e o meu além destino
começa lá onde eu era
e fui acaso um dia.
E ela acaba depois
na encruzilhada
entre agora e a primavera.
E o que esqueço ao andar
é o que imagino
haver ali, além de onde
a trilha da vida se termina.

Rio de Janeiro - Julho 2019

49.

Negro, o nada

Amei o escuro. A luz nenhuma.
O negror depois do negro
A clara cor do negrume.
O olhar e ver o nada e nada ver,
e adivinhar o que ali está, então.
O estar sem o saber do ver:
O valor-zero do ser.
O nada, o solo sem o chão.
O que não é e acontece
quando nada parece acontecer.

*San José da Costa Rica
Julho, 2029*

50.

o dia, o dia

Me dá na boca
essa gota de nada
enquanto eu sinto
no corpo que me acaba
essa febre que se esfria
sob a mão da alma.

velo, e a noite vaga
como nau sem rumo
sobre a seda de um mar
entre a fúria e a calma
que apenas se move
quando a onda finda
quando a noite é dia.
quando a noite é dia!



51.

ir para a morte

É um fim de tarde
(assim parece a quem de longe espia)
e por uma trilha vinha
quem para a morte vagava e lá se ia.
E lento andava como sem pressa alguma
e evitava tropeçar nas pedras do caminho.
E ele dava numa estrada de cor negra
que o negro de sua cor longe estendia.
E ele andava como quem indo, vinha
e ali chegou quando a tarde de noite se vestia.

E por ali foi quando não era já a tarde
e nem a noite era inteira a noite ainda.
E agora, sem temor de cair ele caminhava
sabendo e sem saber de onde veio
para onde andava e porque partia.

Ao longe a estrada escura escurecia
e foi quando sem olhar o chão ele sentiu
que a estrada que havia, não havia.
Caminhava sem rumo; sem destino?
como quem vai sobre um negro disco
de negrume inteiro feito e sem limite
sem norte ou sul, sem mesmo serventia
a não ser estar ali, sem fim. E ele sentiu
que ao caminhar o próprio chão já não havia.

E sem nada sobre o que andar ele seguia
agora sem rumo, sem hora e sem caminho
solto no ar do nada, solto como o vento
ou como quem sem asas voa, voa!
Até quando no ir ele se foi: sumiu
e, livre enfim de tão ser nada
e no que em seu nada-ser, agora era
o que depois de não-ser, ainda existia.

*Santa Maria, no Rio Grande do Sul
Maio de 2019*

52.

Algumas velhas, alguns fios

Era o tempo do ouro. Era novembro.
Algumas folhas secas o vento esparramava
entre ruas sem nome e o fundo de quintais.
De onde vinha a noite algumas velhas
à luz da vela uma toalha entreteciam.
Eram de rugas as mãos, cabelos prata,
e os olhos pequenos o que eles viam?
As bocas sem dentes mal sorriam,
e se elas se olhavam, não falavam
empenhadas em tecer o que teciam.

Um suave tremor nos campos musicava
o que não sei se é pranto, salmodia,
ou fim de festa, baile ou batizado
entre pão-de-mel, tapioca e vinho tinto
que na dispensa guardavam e não bebiam.
Mas era delas que os traços do bordado
de sete cores e mil pontos de arte-e-linha
palmo a palmo sobre o pano aconteciam.

53.

sobraram horas

Sobraram horas, esperei por dias.
Luas de setembro, um sol de serra.
Cavalo que eu não tinha, selei embora
e viajei sertões, acendi fogos.
Do que as estrelas dizem aprendi pouco
e sobrei de ser quem fora outrora.

Grandes foram os teus dias?
Grandes as horas? Longas
e como um barco ao vento, navegas?
Do que passou resta este livro
por mesmo ti esquecido na estante
a roer-se de dor até estar branco.
Do que dele se apaga ao fim da noite
uma palavra sobra, e se não sabes,
quase ilegível ainda se lê: aurora.

54.

caminho?

Eu caminhava um caminho
que ia ao lado de um rio,
E quando foi de repente
virei uma curva, duas...
e vi que o caminho sumiu
porque o rio que havia ao lado
todo o caminho engoliu.

Parei e olhei quatro vezes
e quando vi o que via
vi que o rio se terminava,
vi que o rio se consumiu.

E em cima do leito seco
ao lado de onde eu andei
havia um eu que pensava:
havia mesmo um caminho?
havia ao seu lado um rio?
Ou será que nada havia?
O rio que era, era um sonho,
o caminho nunca houve
e nem quem andava existiu?

Cidade de Goiás

com as mãos em concha
o menino escuta a caixa da memória

55.
um

Com as mão em concha
o menino ouvia a noite.
a noite imensa e feita à força
de uma salva de sons em demasia.
Mil ruídos congregados ao silêncio
de seu lento escutar, como um assovio
de seus anos, poucos,
mas a som do vivido.
Os silêncio da noite comovia
este menino movido a escutar
o exercício dos sonhos da lembrança
renascida sob a concha do ouvido.
Protegido do olvido, de olvidar.

56.
dois

Os guardados no bolso -
partir, correr, saltar -
o menino, ele tem onde esconder
no bolso roto ou então
nas mãos em concha
o que buscou movido a escutar:
pedras do rio, pequenos paus partidos,
as coisas toscas, como um arco-e-flecha
estendido na memória como ontem:
as folhas secas e os bichinhos recolhidos
de um pasto verde de seu país de sombras,
o lugar onde escutar o ser do sonho.

57.
três

Como dizer a palavra "estrela"?
a que o menino sabe e não diz, mas sabe.
Com as duas mãos em concha
ele escuta a voz, o vozerio estranho
perdido um dia e, entanto, agora
reaceso na caixa da memória.

Dizendo baixinho três palavras
ele relembra no oco do silêncio
de algumas intocadas coisas simples:
os seus passos, poços de água limpa
um pássaro da cor de seu invento,
o passar sobre o eco do passado
e lá no fundo ouvir, como um relógio
a mesma estória, a mesma, e repetida
de tantas vezes ser a mesma vida.

58.
quatro

O menino sabia do horizonte.
Conhecia o outro lado do silêncio.
Olhava o sol e via a tarde finda,
a cor da tarde-tinta, e um céu de areias
com as mãos em concha o menino recolhia.

O menino olhava as mãos, olhava e via
o desenho da sobra de outro dia,
o mal vivido e já guardado na memória
no canto claro dos cuidados por lembrar.
Com as mãos em concha no ouvido
o menino sozinho ouvia a tarde.
O menino escutava: ouvia a vida.

59.
cinco

O murmúrio do rio da aldeia
o seu rumor, com as mãos em concha
ele debruça na água o rosto, o medo
do murmúrio do rio, por escutar.
O menino remonta a um tempo vago
a uma sobra de saber o já vivido?

O ponteio tocado e uma mesma nota repetida:
canção de bolas, botões e botas rotas
carrinhos de lixo, figuras de esquecer
e uma aventura na sombra do caminho.
Pequena estrada e conhecida, ele pensa,
de pedrinhas, as que o menino recolhida
e guardava no bolso, o bolso grande
dos imensos tempos repassados
dos traços nunca tardos da memória.



Morto a caminho

60.

um

passa pela morte a morte
e pouco mais. sendo nela
esse morto em barro feito passa
como passam barco e vela.

não vela que acesa acende
tal quando aberta a janela
na casa escura do corpo
a imagem clara da tela.

da vela de ser no barco
o movimento que sai dela
e nele faz o que a flor faz
a uma laranja amarela.

dessa que o casco - vela
é a parte acima da quilha
e levando um morto, leva
uma praia a outra ilha.

dessa que no barco atenta
pouca coisa maravilha
e que põe no sopro o rumo
de seu caminho, sua trilha.

dessa que se hasteia - vela
a mastro inteiro, e no corpo
leva do morto o que é morte
ao seu abrigo - o seu porto.

61.
dois

morreu a morte onde existe
como de resto, no vento,
o que sendo viagem faz
o lado de sal da gente

pondo em pouso o corpo, a casca
como quem repousa um pouco
parece nem ter mais pressa
de se por de pé de novo

mão se ouvindo grito, pensa
quem o encontra, que morto
ainda é vivo e adormece
a casca apenas do corpo

vestido de calma e roupa
parece que segue a gosto
como quem, chegando cedo
espera a barca no porto

sendo o corpo morto e solto
sobre a espessura da estrada
acaba virando um pouco
da mesma coisa que a estrada

mas deixado o corpo morto
sobre o meio do caminho
acaba sendo a quem passa
a indicação do caminho.

62.
três

como o sono de quem segue
sobre a rede em que dormia
mas a morte foi quem veio
recolher a quem colhia

como o sono feito à sombra
quando em fim de romaria
mas aqui nem a morte acha
conta, ganho ou serventia

parece minguada a perda
se tão pouca vida havia
mas sendo de planta a morte
nem tão pouco restaria

não se vê sangue, se houvesse
tanta morte não seria
mas um pouco dele ao lado
da causa dela diria

morrendo cedo e a caminho
nem se crê no que fazia
mas pelo calor da estrada
é que a pele não esfria

fosse pano ou roupa rota
concerto certo haveria
mas nem fio de seda cerze
tão desfeita geometria.

enquanto se veste a morte
do que nessa pele fia
o homem que andava, anda
por lugar que não sabia

pois morto este morto, morto
inventa o que não previa
e no chão deixado o corpo
viagem nova inicia.

63.

canta quando dança
o trabalho do pedreiro

quisera ver esta casa
essa casa inteira, pronta
quisera vê-la - essa barca
no seu mar, em sua onda.

quisera vê-la - esta barca
posta em seu rumo. ligeira
como avião que navegue
achados o porto e a estrela.

esse avião eu quisera
vê-lo suspenso em si mesmo
de seu trabalho fazendo
o que faz com ave seja.

esse trabalho eu quisera
sabê-lo pronto - o sinal
de que em minha dança eu ergo
uma cidade e o seu sal.

Pátzcuaro, 1966

64.

Huecório

a pedra na pedra

como se fosse a pedra sobre a pedra
e sobre a pedra ainda a pedra pura.
como sendo empedra o campo
e a casa, e em pedra o poço e o muro,
em pedra a noite, a chuva e o vento
que aqui chegam como pedra dura.
como se fosse sobre a pedra a pedra
e sendo em pedra a rua e em pedra a roca
o que faz deste pueblo um povo em luta
conta a pedra ou a seu lado - mas em pedra.
em pedra feito e de pedra o feito mesmo
de lutar com ela ou contra a pedra,
e assim fazer de pedra a alma e a vida:
juntar a pedra e em pedra erguer o muro
quebrar a pedra e em pedra por o milho
somar-se à pedra e em pedra por a vida.
como se houvesse vida sob a pedra
e ainda sobre a pedra a pedra pura.

Pátzcuaro

1966

65.

as flores aprendem com as pessoas

O ouro vivo dos ipês de agosto
amanhece os matos de Mossâmedes.
No trilho dos remansos da manhã
a água fria do cristal dos córregos
desceu a serra e fez descer em fila
as flores que branqueiam os pequizeiros.
Outros ipês do mato mais adiante
pintam de roxo o piso do arvoredado.

Sob os troncos cerzidos no cerrado
há tapetes estendidos com as seis cores
que a natureza aprendeu a entretecer
espiando das janelas os teares
das casas das mulheres-fiandeiras.
Quintais onde se fia tingem e tecem
o tecido sem-fio dos fios alados
que a cultura dos “sem-letra”
fia e borda, escreve e depois assina.
Nessas roças de fazendas entre matos
a natureza fia o que cultura tece
e a memória das duas não esquece.
De modo que entre campos e povoados
há coberturas de copas e de colchas:
flores de panos que as pessoas fazem
e as plantas da floresta veem e imitam,
sob um claro de coivaras pelas serras
entre o sol do dia e o luar de agosto.

*São José de Mossâmedes
29 de dezembro de 1982*

duas lições mineiras

66.
de Minas

De Minas virá
o verdor do vasto,
do pasto que em Minas
é verde e amanhece.
E amanhece em Minas
cada vez que a chuva
visita novembro.

Cada vez que a noite
arvora o sereno
que o vento de Minas
orvalha nos fundos
dos cantos da sina
de gentes e bichos.

De minas virá
o sabor da terra
e do vento que em Minas
convive com a mina
de ouro da orquestra
de vales e vilas.

Convive, comparte
e se afina em Minas
até o tom fino
de uma escala acima
onde o vento inventa
como o trem e o povo:
caminhos. Caminhos.

67.
em Minas

O que é de memória
em Minas tinha
guardado pelos potes e em moringas
do barro fino que o tempo-oleiro
misturava com água na gamela
modelava na banca do quintal
e queimava no forno da cozinha.

O que é de lembrar
por Minas ia pelas eiras.
por beiras, ocos e caminhos
do traçado que a tropa viageira
tricotava entre vales e vielas,
entre serras, sereno, noite adentro
e entre as vilas que pela via havia.

O que é de saudade
havia em Minas
desenhado nos panos. Nos bordados
do tecido que a vida-tecedeira
fiava no claro da janela
costurava com fio de roca velha
e cerzia na mão de três meninas.

Congonhas do Campo
27 de junho de 1982

68.

o martelo agalopado

com Ariano Suassuna

O colosso de cabras e cavalos
No convívio do cobre com o cangaço,
Os ensaios dos magos do castelo
E a farinha na cuia do alarido
Dos invernos do povo, do amarelo
Que no cano dos tiros é atirado
Quando o susto da fome faz os fogos
Dos cantares dos gritos do martelo.

Os cuidados de tê-los e cavá-los
Com ferreiros e ferros, com os aços
De artefatos de espadas e cutelos
E o afiado das facas, o retinido
Das mortes que eu escuto, vejo e velo
Nas carreiras da vida e do pensado
Entre os verdes das almas e os seus mofos
Nos espantos dos golpes do martelo,

O que arrasa lá montes e, cá, valos
A poder de seus feitos e meus faços.
Os anseios dos reis, os seus anelos
Por reinados malditos, malferidos.
Seus temores do tempo e seu novelo
Nos repentes do povo revoltado,
Revirando dos remos seus estofos
Nos acessos dos braços do martelo.

Olinda

69.

os brincos

A alegoria das coisas em que cremos
pende dos brincos por causa de quem
nossas mulheres e filhas furam as orelhas.
Quando é maio, com o dinheiro da venda dos bens da terra
compramos colares, cruzes e brincos de ouro,
Para que eles pendam como bandeiras, pequenas flâmulas,
sinais dourados esculpidos com pedras, rubis de brilho
na carne magra das mulheres do povoado.

Pela mesma razão penduramos também na parede de adobe
pintada a cal aguada dos ranchos que fazemos
e barreada de amor polido ao sol, e que cobrimos com capim
seco, colhido em maio, quadros de feira coloridos.
Caros quadros comprados em domingos de romarias.
Ali colocamos o retrato dos vivos e o dos mortos:
os antepassados, seus filhos e os seus netos.
Da parede nossa gente nos olha
sagrada como os santos e deuses
dependurados por igual entre os nomes da família.

Por isso colamos cenas das folhinhas de armazéns
que ali ficam por gerações de anos e anos.
Figuras ao vento nessas terras onde as bandeiras que há
são as que viajam em janeiro e viajam em maio
à frente dos tropéis de foliões de Reis e do Divino.
Tantos seres e cores quantos caibam nos quadros da memória.
Tantos quantos caibam pendurados em paredes e corpos:
medalhas, brincos, panos dos Três Reis, fotos de parentes,
virgens, santos, pretos de almanaque e senhores do céu.

Não somos como os ricos que comem á volta de mesas
e ali colocam velas e grandes jarros com flores.
Comemos em pratos de alumínio.
Catamos com os dedos nas panelas de barro
as porções da safra dos almoços,
e acocorados à volta do fogão comemos na cozinha.

Flores que colhemos no campo à volta do trabalho,
ou no jardim roceiro que mistura vegetais de cheiro
com as ervas antigas de onde tiramos a saúde,
colocamos em pequenos vasos de porcelana barata
debaixo do retrato dos ancestrais.

A eles fazemos nossas rezas, preces de ramalhetes
que as filhas colhem para os santos e os mortos,
seres que os ritos da memória tornam iguais e imortais.
Vivos e presentes, vestidos de lenços e roupas de festa,
com os chapéus de domingo que tinham na cabeça
e os olhos pregados na janela de tampos de madeira.
Vivos. Vivos tanto quanto nós.

5 de dezembro de 1981

70.

Deus

Ele nos veio. Havíamos, os do círculo de nós, nos preparado por eras e eras para aquele momento. Primeiro um dos nossos encontrou os sinais no tronco enrugado de uma castanheira no monte. Pareciam formar palavras em alguma língua estranha, esquecida. Mas de tudo, um dos nossos traduziu isto: virei. Depois, atirando com a mão esquerda uma pedra no lago atrás da aldeia e lendo a equação dos números na ondulação das ondas concêntricas, um outro de nossa gente estabeleceu o lugar e a data: a noite de ontem: Solstício de Inverno. Fomos até lá procurando precisar o local exato no sentir a variação dos rumos do vento em nossos corpos. Chegamos ao lugar e era um círculo de sete árvores em uma clareira no bosque. Do que vivemos então podemos dizer estas coisas: para além das medidas humanas para tempo e espaço, Deus chega quando vem. Ele nos chega por meio de anúncios quase incompreensíveis, como o suave murmurar das folhas da Faia ao vento de Oeste. De nada adianta aos homens estabelecerem datas com sortilégios que somente servem para o anúncio da chegada das chuvas e dos filhos. Ele nos vem e nos toma.

E é tudo, e é só. E o que nos toca fazer é responder sim ou não ao que, no entanto, já aconteceu. Sem que ninguém de nós dissesse nada aos outros ao redor do círculo, aprendemos a saber que se com um mínimo gesto dos sentimentos dissermos a palavra não, Deus, atento, se irá como veio e não nos legará castigo algum. A perda de sua presença já é o bastante. Se do fundo do coração dissermos um sim, ele plantará em nós uma pequenina semente. Somente então estas antigas palavras: pelos seus frutos os conhecerei, serão decifradas. Pois todo o bem é uma planta semeada no ser de alguém e que algum dia cresceu. E todo o mal é apenas a sua falta.

Como aquela Figueira Dissemos sim e ninguém de nós pronunciou palavra alguma. Diante do mistério que havia em nada acontecer ali, nós nos calamos e se algo dissemos, somente Ele ouviu.

Pois quando nos pareceu chegado o momento unimos a prece escrita em nossos corações e o mais velho de nós murmurou sem ninguém ouvir nada esta outra prece: vem. Houve apenas um estremecimento nas folhas dos galhos de algumas árvores perto de nosso círculo. Um pássaro da noite piou e os que ousaram abrir os olhos disseram que por um momento a noite tornou-se somente um pouco mais iluminada. Como acontece tantas vezes em Maio, a Lua por um breve instante saiu de trás da toalha das nuvens. E foi só. Mas se escrevo isto é porque desde aquela noite começamos a crer sem temores que alguma coisa estranha e feliz cresce entre e dentro de nós. Não temos ainda palavras para dizer o que sentimos, mas é tão forte que ontem um dos nossos disse: será preciso criar palavras novas. Assim sendo, antes que aconteça o que acreditamos que virá, alguns dos nossos trocaram arados por bastões e, sem cintos e nem alforjes, resolveram partir sem rumo algum para contar essas coisas aos outros. Três de nós ficamos para dizer aos nossos as palavras que esperamos que nos venham em sonhos. Também alguns outros não sabem ainda o que dizer, mas também eles calçaram as suas sandálias e, lendo rumos dos lugares do Mundo entre as estrelas, partiram.

Simone Weil **a la espera de dios** 84



71.

mortos

Apenas fomos antes. Os que haviam partido ao tempo das primeiras neves vieram chamar alguns da geração dos que inventaram em galego a palavra aldeia para nomear o lugar onde viviam em casas de pedras e em janeiro acendiam lareiras contra os ventos do inverno. Fomos como eles. Eram filhos de mulheres de um tempo anterior, quando por aqui eram outras as palavras e os gestos de amor entre macho e fêmea. Quando em lugar dos cruzeiros de agora que os nossos aprenderam a erguer sobre mastros de cantaria na encruzilhada dos caminhos, havia nas pedras dos montes sinais gravados em baixo-relevo: círculos, espirais, estrelas. No tempo devido eles vieram chamar alguns dentre os mais velhos. Vieram chamar. Foi tudo. Os que temeram o chamado não ouviram e fingiam dormir. Mas nós nos pusemos de pé, calçamos sandálias e fomos. É isto a morte? Fomos. Antecipadamente arrebatados a um longo sono em uma morada, creiam, de uma estranha luz! Tudo foi no meio da noite e em algumas casas os outros souberam apenas quando veio o sol. Na casa da madrugada, como quem afinal adormece por um longo sono sem medo dos sonhos. Como quem atende ao chamado de outros, desconhecidos e amados, estávamos em paz. Fomos por um ícone de claridade, enquanto antes de dormir em minha casa a mulher estendia sob o ferro de brasas a roupa escura.

Depois soubemos que entre prantos algumas velhas diziam orações. E nós, do outro lado dos caminhos da aldeia, sem podermos dizer a elas que atendíamos a um chamado. Havíamos sido escolhidos e íamos como quem deseja. Saímos de casa em viagem, enquanto os parentes e os vizinhos levavam vestidas em roupas de festa, as nossas cascas. Os que partiram antes, ao tempo dos primeiros bois e do milho, apareceram entre faias e olmos. Se eles brilhavam de luz, não percebemos. Vimos os seus rostos e eram como os nossos. Tinham apenas o ar de quem agora vive além dos calendários. Nada.

Apenas fomos indo pelos mesmos campos de sempre com os corpos um pouco mais leves. Éramos três e

quando ao acaso nos tocamos com os dedos, éramos entre o trigo e a garça.

Mais adiante andamos sem molhar os pés por essas mesmas corredeiras encharcadas de chuva. Fomos, repito, e só mais à frente os caminhos familiares foram se apagando. Quando viramos uma curva na estrada um sol de um outro diferente rosto nos acolheu. E foi só então que uma claridade inesperada nos envolveu de sua rara luz. E aos poucos entrevimos que algo dela vinha de nós. Foi assim. E assim chegamos a esse lugar caminhando com os próprios pés. Como quem num momento, entre um gole de água e um outro fosse arrebatado a uma mansão de luz. Mas como quem chega a ela tal como o inesperado que num domingo viajou a pé para rever um irmão em alguma aldeia longe. Agora, passado o tempo do silêncio, como em um sonho eu vos conto, para que enfim saibais e...

*Marie Luise Kaschowitz, in **Vida Eterna?** de Hans Kung, pg. 202*

72.

peregrino

O que eu fiz foi em silêncio. Sozinho eu vim. Mas todos por onde eu passava podiam me ver, pois eu repousava à noite onde me acolhiam e saía a viajar antes do primeiro claro do dia. Não era em nada furtivo, como o homem que por um momento sai do caminho, e furta algumas uvas na vinha e urina como um cúmplice, disfarçado de ausente, encostado num muro. Sei que os bons estão juntos e caminham juntos. Tocam-se, quando é devido, oram as mesmas palavras e repartem o pão, companheiros. Massageiam os pés uns dos outros e, como nos evangelhos, carregam entre eles os fardos de todos. Cuidam dos enfraquecidos e à noite contam casos de outros tempos, como se fossem parábolas. Eu vim vindo sozinho, desde Puente la Reina até Santiago. Queria carregar comigo uma grande ausência. Na porta de algumas casas eu anunciava o meu destino sem dizer meu nome e pedia o pouso e nunca o pão. Pois, sem orgulho algum – e quero que saibam disto – eu trouxe os meus pães na trouxa de peças de roupa pobres. Sim, porque o tempo todo desejei rever nos pães o sabor das mãos das velhas de minha aldeia. E assim, ao comer eu media pelo número dos que me restavam os dias de minha jornada. Quando comi o último cheguei aqui neste lugar onde você me vê. Aqui, na porta à esquerda da entrada do portal desta grande igreja de pedras. Tampouco aos anjos pedi coisa alguma. Se eles não atendem aos poetas, acaso me ouviriam? Ao sol sim, eu suplicava o seu calor, pois era junho. E pedia ao vento que soprava da direção de minha Terra, já que os de minha raça somos um desejo de não ter pressa e nem destino. Preferimos o deserto à Terra Prometida. Existe um Deus? Então ele não mora em parte alguma. Ele há de ser o começo de todos os caminhos e não se encontra onde eles terminam. Catedral alguma o aprisiona, pois o coração do homem é o seu telhado.

E foi assim que nesta grande catedral até onde um dos muitos caminhos me trouxe, não acompanhei os outros em pousar as mãos contritas e os lábios na coluna e, depois, no túmulo onde dizem que jaz um homem de outras terras. Não! Com as duas mãos toquei as pedras do lado de fora do templo e murmurei assim: Deus, se existes, estás aqui. Não vi sinais. Se o estranho homem santo a quem se honra aqui foi um peregrino como eu, então somos irmãos e nossas almas saberão se achar. Creio no sentido e no acaso, e isso me basta. Se ele foi mesmo um pregador da memória de um homem-deus, quero a sua carta e não quero a casa. E se ele foi um guerreiro, como contam alguns entre Roncesvales e Villa Franca del Bierzo, é mesmo bom que esteja morto. Pois o destino dos que matam é a morte. Andei até aqui. Vejam os outros: alguns voltam, cumpridos os ritos de piedade. Eu voltarei quando esta vela acesa no chão tenha se consumido. Ou, antes de retornar aos meus prados de carneiros, talvez eu estenda a jornada até um lugar onde diziam os antigos que a Terra inteira se acaba. Talvez ali eu encontre respostas às minhas perguntas. Mas, eu tenho perguntas? Desconfio que somos ao mesmo tempo a lembrança e o esquecimento da fragilidade da Vida. Os cães que nos ladram pelo caminho sabem disto.

73.

outros

Tereis mesmo ido embora, oh rostos? Oh nomes? Tereis mesmo silenciosamente partido e agora viveis para além da existência e do encantamento? Tereis viajado embora? Em que rumo? Então nos viemos – nós, os últimos de nossa raça – às ocultas a este lugar de pedras e lobos e é em vão? E cada vez quando é a lua nova acendemos fogos e, escondidos à sombra de um carvalho convocamos os bons espíritos e acendemos folhas de loureiros e não nos escutais. E tiramos do lugar dos fundos da casa roupas brancas de raro uso nestas terras, e vestimos túnicas de lã e calçamos sandálias de couro cru para vir até estes altos honrar como os antigos a vossa presença na torrente da vida, para onde quer que tenhais ido estareis mortos? Distantes ou aqui? E aqui estamos sob o poder da noite e apenas o silêncio – o não dizer palavra alguma – nos protege dos ardis do mal. E agora a lua de junho veio e brilha o corpo nu sobre a copa da árvore sagrada. Isso vedes? Árvores que foram, supomos, a morada de castanhas, de aves e de vosso espírito. E não estais mais aqui? Como? Se elas crescem e dão, cada uma a seu tempo, a flor, o fruto? Vede, rostos amados: à beira do Tambre continuam a crescer os salgueiros, os abetos, os olmos, as faias, os freixos, os carvalhos e as castanheiras. Mas como segue sendo se não estais mais aqui? Se não presidis como antes o curso da seiva, a cor das águas? Quem, dizei-nos? Quem, oh seres de nosso rosto, está presente e oculto aqui para ordenar a lenta arquitetura da vida? Que outras mãos? Que outros gestos de algum semeador do oitavo dia substituem os vossos, quando da terra que uma tarde pisastes antes de nós, sai a primeira rama do trigo? Quem em vosso lugar ordena à uva que madure e depois protege do vinagre o vinho nos tonéis? Quando a cabra pare a sua cria e pia o cuco no cair da tarde, quem?

De onde vem agora, se haveis partido daqui, estabelece a previsível ordem da matéria da vida entre as estações de cada ano e refaz o ciclo de seus ritos? Quem?

Se o ar de vossa presença e o vigor de vossas almas já parece não estar mais aqui entre nós? Quem? Haveis escolhido a fuga e o esquecimento quando chegaram por aqui esses outros? Haveis polido em que as arestas de vossa antiga força primária, como as águas do Sar afiam as pedras de suas margens? Vede! Haveis perdido – oh nomes que não sabemos esquecer – a corrente de fogo que antes nada represava? Rios da luz das águas da espera e do longo voo? Sereis agora o pequeno lago de sombra cinza onde as fêmeas dos bosques vão beber água com os pés atolados na lama? Vós que em outras eras haveis sido, entre a Amahía e o Xallas, o vendaval e a tempestade, sereis agora a brisa de março? Um desses ventos domados em quem as moças de Luaña secam as suas saias? Sereis agora pequenas ondas de movimento que mal esvoaçam os cabelos de quem colhe centeio? Haveis – oh rostos incontáveis – vos entregado ao ócio e ao outono? Ah, não! Vós, os nossos, antes lembrados até nas canções de quando a avó envolvia a neta nascida duas luas atrás em peles de ovelha e cantarolava para que ela adormecesse segura de que, se estais no canto, estais no mundo. Ah, não! Pois em nós, seres de nosso rosto, em nossa memória e em nosso coração nunca silenciado, em nós que aqui estamos e como vós em vida nos chamamos, José, João, Pedro, Manuel e Santiago, nomes dados por outros depois de vós, entre a água, o sal e o óleo, em nós que até aqui viemos e viremos outras vezes, estais vivos como sempre e viveis. E viemos aqui – ah rostos de nossos outros – para vos lembrar os nomes e vos dizer isto.

Angel Crespo – nunca idos

74.

Rosalia

Falo das origens. Sonhei um sonho que me sonhava. Eu ainda nem era e me foi dado vir vindo até aqui. O escuro custava a ir embora e era o inverno de outro ano. De outro tempo. E eu via o que entre essas casa daqui havia e era inverno. E sem saber como, eu procurava fazer o trabalho das mulheres. Que elas tivessem e eu não ainda as roupas de mulher, tingidas da cor de um negro que dá ao corpo do volume da noite, pareceu-me o meu pesar.

Mas o tempo de prantear não era ainda. Que estivessem elas com esses lenços também do mesmo negro e os chapéus de palha, pareceu de repente o meu pecado. Foi com os olhos no chão que andei pela casa entre elas. E porque será que quando a chuva veio, ela molhou os seus linhos, suas lãs, e as minhas não? Ouvi que algumas falavam às outras de seus homens mortos. Falavam de outros, distantes, errantes em outras terras, do outro lado do mar. Terras de sonoros nomes além de nossa geografia. Quem não tem a quem chorar é órfão. Eu tinha. Foi eu dizer isso e pela primeira vez elas me olharam e algumas sorriram. Uma delas disse: aguarda, espera... E elas faziam os seus labores e era só por eles que a tarde tardava em ir embora.

Eu apertava o ubre das vacas e saiam palavras. Dava nos campos, como elas, com a gadanha nos feixes de trigo, e reunia molhos de frases. Na outra casa em que me abriram a porta eu entrei e acendi o fogo da lareira. Acendi o verbo, um verso, não sei... um canto.

Quando foi um sino em Bastavales – e eram sete horas – cobri com as mãos o rosto. Quando abri havia este poema. Assim foram as origens. Quando no sonho de quem fui voltei aos ares de onde vim, ousei dizer a quem distribui as almas entre os destinos: há um lugar onde corre um pequeno rio sobre claras pedras. Uma árvore de corpo retorcido. Um mugir de vacas, uma fonte de pedras e algumas mulheres, como em Cafarnaum. Ali eu quero estar. E ele disse uma palavra: vai!

A morte veio cedo, mas não tanto. Eu a esperava como quem no porto aguarda um pai que partiu há tempos, nunca escreveu e agora volta. Deitada na cama pedi que abrissem a janela. Que desde Padrón eu visse o mar. Não vi. Mas foi quando de novo o sino de Bastavales tocou as sete horas. Fechei os olhos e então o escuro era toda a luz.

Foz, na Galícia, fim de ano de 1996

seis canções de tempo e vento

para Carlos Fernando , em Goiás

75.

uma

nesse enredo
o meu veleiro vai
e a minha alma
almeja o seu alento.
então amanhece
e a manhã cedo
é o meu quinhão
de brisa ao vento.
ali me vou, amigo:
voou e a passo vagaroso
viajo, e embora tardo ando
e sou o porto e a nave.
e ao sofrimento oferto
a vida de quem fui,
e me acalento.

76.

duas

ali, quando eu havia
velava o esquecimento.
foi um fluir, um só e um vôo
da viagem da volta da memória
e o seu momento é sempre
como o que vai do rio ao remo.
agora rego as flores na janela
e todo me envolvo de sereno.
vestido de mim mesmo me soletro
e ao acaso calo. calo e assim
a fala de onde eu vim, esqueço
e já não sei se sou,
ou se o vento.

77.

três

há uma água de espera:
aqui é o vento!
aqui é onde eu me ancore
e o livramento do que busco
no vão do lado escuro
da vida – andante atento
recorda de quem fui e quando,
em cada trecho de mim
e seu momento:
maré de outono e orvalho
e a flor dizendo como ao tempo
a poeira na casa da palavra
o segredo do sol em língua alheia
e o cerco de mil armado à volta
do sentido do ser do sentimento.

78.

quatro

do outono quando agosto
plantei e me alimento.
outrora havia a chuva
o fruto e o vento.
hoje, a manga amanhada
entre os meus dentes
e a saliva que eu cuspo
com a semente
são a minha obra: eu crio.
são o barco e a quilha
e a vela armada a meio vento.
a vela que nele sopra e sente
como à noite no rosto eu sinto o frio
o movimento de meu corpo,
esse amoroso do mal do amor,
e mais o gosto que ficou
do que, não feito ainda,
é amargo e amarga a mente.

79.
seis

não há porque negar
essa alma antiga.
de nada eu tinha medo,
nada ainda.
e nem tinha esse olhar,
esse olho atento.
eu não tinha essa pressa
e, de repente,
essa vela a queimar
acesa ao tempo.
esse saber eu não tinha:
sentinela minha, saibam,
de quem espreita
a solidão que chega
e um sofrer que cedo
vem com o vento.

Rio de Janeiro
outono de 1987

80.

aos que vierem depois

Quando estes pequenos sinais
(marcas a lápis na margem dos livros)
forem algum dia achados ao acaso
eu terei ido embora daqui. Terei ido.
Virá alguém à biblioteca que foi minha
e abrirá distraído um livro entre tantos.
Ao folhear as páginas sem pressa,
em alguma folha setenta e quatro
encontrará uma pálida, uma quase apagada
escritura que eu rabisquei um dia.
Talvez nem a note, e será bom.
Ou, então, curioso, fugirá por um instante
do texto impresso em letras de um negro poder
e virá à margem ver os meus rabiscos.
Não saberá decifrar a minha letra ilegível
E nem por isto ficará menos sábio.
E fechará o livro e ao devolvê-lo à estante
Talvez pergunte: quem foi? quando?
E pode ser que a alma de meu espírito
então responda:
Fui eu, mas esqueça. Eu esqueci.



Campinas
Algum dia esquecido em 2012

Reverências, referências

Este não é um livro. É um apanhado de poemas antigos e menos antigos que eu quis reunir em oitenta momentos, quando eu mesmo cheguei a momentos que somam oitenta anos.

São poemas escritos em seis décadas, desde o ano de 1966, quando eu por longos meses vivi no México. Estão distribuídos em 80 páginas.

O último foi escrito aqui na Rosa dos Ventos, em Caldas, no Sul de Minas Gerais, onde estou agora. E é de manhã, e quase chove.

Fui colocando entre as páginas os meus poemas, sem observar cronologia alguma. No entanto, alguns dos primeiros poemas são os de tempos mais de agora.

Quem os leia irá se encontrar com um costume que me acompanha ao longo da vida. Alguns poemas ao final possuem a referência da data e do lugar em que foram escritos. Alguns trazem apenas a referência da data. Outros apenas o lugar. Viajante e peregrino como sempre, quase toda a poesia que eu escrevi foi em algum lugar de alguma viagem, às vezes perto, às vezes longe de casa.

Mas... aonde mesmo está a minha casa?

Poemas não são pensados, como a ciência. Eles chegam sem avisar, se escreve e somente depois é que a gente lê e vê o que escreveu. Assim foi sempre...

Os poemas recolhidos aqui estiveram antes em livros desde os anos sessenta. Eles foram:

Mão de Obra

Os objetos do Dia

O Dia de Sempre

Diário de Campo – a antropologia como alegoria

Os Nomes

Orar com o Corpo

O Caminho da Estrela

O Vento de Agosto no Pé de Ipê

Caixa de Correio – poesia reunida

Na folha de rosto e em cada poema que completa uma dezena, e na página que encerra este pequeno livro e memória de poesias coloquei uma mesma imagem criada pela educadora e artista Suely Lima, de Jataí, em Goiás.

Há coincidências que às vezes podem ser sincronicidade. Ontem à noite, após concluir esta sequência de 80 poemas, eu comecei a ler a Carta sobre o Humanismo, de Martin Heidegger. Confesso que deixei de ler logo na quarta página. Filosofia demais para os meus anos.

No entanto, mesmo que possa parecer um laudatório exagero, gostei desta passagem que como uma despedida transcrevo aqui.

*A linguagem é a casa do ser. Em sua vivenda mora o homem.
Os pensadores e os poetas são os vigilantes desta morada.*

*Carta sobre el Humanismo – página 7
Martin Heidegger*

